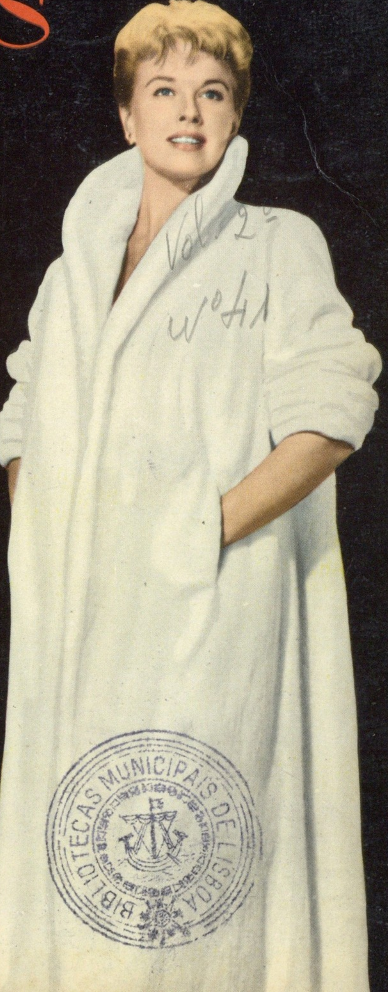
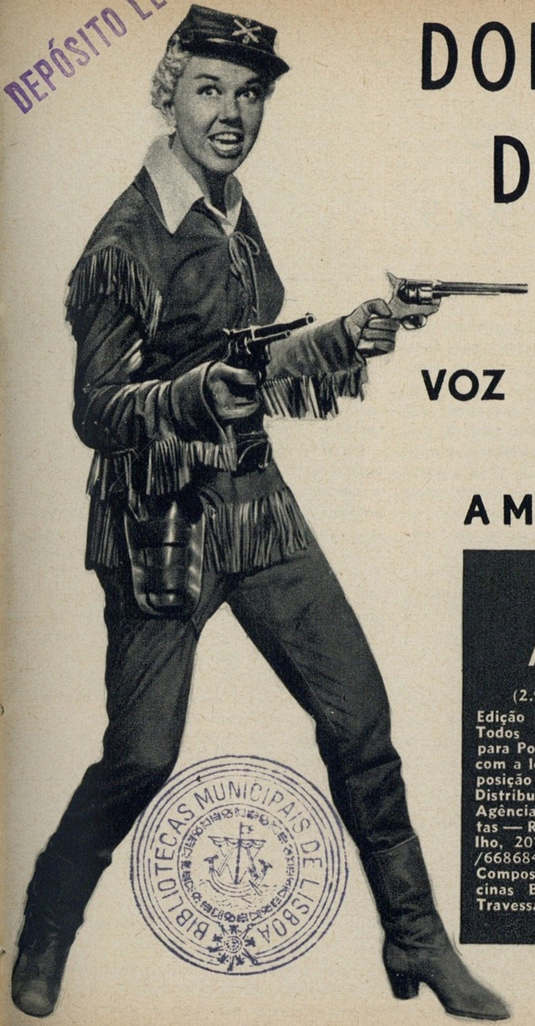
DORIS DAY





DORIS DAY

A VOZ DE OURO DA AMÉRICA

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Vol. — Fasc. 41)

Edição de Aguiar & Dias, L.da

Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da, Travessa da Condessa do Rio, 7 Lisboa

UM MARAVILHOSO CONTO DE FADAS



JULGAMOS não ser ousadia afirmar que todos os cinéfilos conhecem Doris Day, e que noventa e nove por cento deles são seus devotados admiradores. Tal percentagem só pode significar que estamos em presença de um extraordinário caso de popularidade, tanto mais extraordinário quanto é certo que apenas a partir de 1948 o nome de Doris Day começou a correr mundo, quer nos cartazes — reclamando os seus filmes — quer na sua projecção luminosa, em conjunto com a sua figura grácil e viva e a audição da sua voz quente, de maravilhosos cambiantes, nas salas escuras dos cinemas.

Até então Doris limitava-se a ser uma simples vocalista de orquestra, de alguma projecção, é certo, mas apenas uma das muitas vocalistas de certa projecção.

Contemos, porém, a sua história, que pode rotular-se de maravilhosa e que, como todas as histórias maravilhosas, poderíamos começar pelo estafado, gasto e enfadonho: «Era uma vez...».

A ALEGRIA DE UMA MODESTA FAMÍLIA

Em Cincinnati, Ohio, vivia, humildemente, um casal de origem alemã, cujo apelido era Kappelhoff. Na América labutavam por uma vida melhor, que se negava a oferecer-se-lhes. Mas, a 3 de Abril de 1924, tiveram, finalmente, na sua vida um acontecimento verdadeirament feliz que veio compensar, em parte, as suas lutas e contrariedades: o nascimento de uma filhita, que passou a ser todo o seu enlevo.

O pai, William Kappelhoff, era organista e professor da língua-pátria, de violino, piano e canto. Trabalho árduo e duro que, no entanto, não lhe proporcionava os ganhos indispensáveis para uma vida desafogada. Mas aquele pequenino pedaço de carne mimosa e rosada, se viera tornar mais difíceis os seus dias, era também o único tesouro de valia que Deus lhes tinha ofertado.

Quando chegou à altura de se proceder ao baptismo da recém-nascida, e depois das habituais hesitações, consultas e trocas de opiniões, acordou-se na sugestão da mãe que, profunda admiradora de uma actriz dessa época, de nome Doris Kenyon, e em sua homenagem, propôs aquele nome para sua própria filha. E assim foi que a filha do casal Kappelhoff recebeu, na pia baptismal, o nome de Doris Kappelhoff.

Ao ver a pequenita, ninguém poderia predizer, a despeito da melhor boa vontade, de que pudesse estar animado, que aquela rapariguinha débil e feia, pudesse, algum dia, vir a ser bonita, e, menos ainda, converter-se em «estrela» de cinema.

Doris crescia alta e fraca, demasiado alta e demasiado fraca. Atentando bem na sua figura parecia que apenas tinha pernas, umas pernas esguias e longas. Demasiado esguias e demasiado longas.

Quanto ao rosto era sardento, demasiado sardento, e o nariz era arrebitado, demasiado arrebitado.

Aos quatro anos, Doris entrou para a escola elementar, e seu pai, na esperança de que a pequena pudesse, algum dia, transformar-se numa boa concertista — o que a livraria de uma vida de dificuldades materiais — começou a ensinar-lhe piano, uma das suas especialidades.

Doris, pese embora ao seu interesse pelas coisas artísticas, que, de resto, estava de acordo com o ambiente em que crescia e vivia, não pareceu interessar-se apreciàvelmente pelas facetas da vida artística, em que seu pai era mestre, parecendo preferir decididamente a dança, manifestação artística que sua mãe parecia preferir também, tendo em conta o sentido do ritmo e a notável coordenação física que a garota denotava possuir. E Doris, enquanto os seus colegas mal terminavam as aulas se dirigiam para suas casas, corria para a única



Quando tinha poucos meses de vida e era o único tesouro de seus pais, Doris Kappelhoff, que mais tarde se tornaria famosa com o nome de Doris Day, era um pedacinho de carne rosada e mimosa.



Cedo a jovem Doris, que crescera alta e espadaúda, começou a mostrar a sua tendência para a dança, e em breve começava a dançar em festas escolares e de carácter particular. Aqui vemos a jovem bailarina pouco depois de, num clube de Cincinnate, ter formado par com um ex-condiscípulo dos bancos da escola, de apelido Doherty.



Dançar foi sempre a paixão de Doris Day, que mesmo depois de, por virtude das circunstâncias, se ter transformado em cantora célebre, sempre que tinha oportunidade ensaiava alguns passos de dança.

escola que significava alguma coisa para si: a escola de dança de Monte Adams.

Mas a pobreza de Doris viu-se agravada no dia em que seus pais se separaram. Passaram a viver, ela e a mãe, da parca pensão que William Kappelhoff lhes enviava. E a sua situação material só melhorou quando a mãe, à custa de tremendos esforços e não poucas privações, logrou montar um «atelier» de modista.

A pequena pôde então frequentar a «Hessler Scholl Dance», aperfeiçoando as suas qualidades natas de bailarina.

Aos doze anos de idade a pequena dançarina era já bastante conhecida e apreciada em toda a cidade de Cincinnati, e auferia cerca de 5 dólares por cada actuação de dez minutos.

Certo dia, num desses espectáculos, a pequena bailarina foi oposta a um conterrâneo seu, mais ou menos da sua idade, chamado Jerry Doherty. Antes de acabar essa noite, uma nova parelha de bailarinos tinha nascido: Doherty e Kappelhoff.

Marco e Francho interessaram-se por eles, e em breve os integraram na sua companhia — composta especialmente por novas «esperanças» para o teatro — onde faziam um número de «ballet».

Pouco a pouco, Doris e Jerry, que já tinham sido companheiros nos bancos da escola, íam adquirindo calo e categoria, transformando-se numa estupenda parelha de baile. Ainda integrados na companhia de Francho e Marco efectuaram uma «tournée» que, além del hes trazer novos triunfos artísticos clamorosos, lhes proporcionou contacto com os maiores vultos das artes americanas e o conhecimento com figuras de grande importância, que mais tarde ajudariam Doris a subir os degraus da fama e da popularidade.



Além de bailarina e cantora, Doris Day fez-se artista de cinema. Eis uma cena de «Mademoiselle Fifi», um dos seus primeiros êxitos.



Aqui podemos observar uma risonha expressão de Doris Day na comédia musicada «Uma garota endiabrada», género de filmes em que se consagrou definitivamente.



Em «Chá para dois», de que aqui damos uma imagem, obteve Doris Day, ao lado de Gordon Mac Rae, um dos seus mais clamorosos êxitos.

UM DESASTRE QUE MUDA UMA CARREIRA

A jovem bailarina e o seu companheiro estavam a tornar-se conhecidos e a ser solicitados por empresas do maior renome enquanto o seu reportório começava a causar inveja a alguns profissionais já consagrados. Doris podia considerar-se, e consagrava-se realmente, a caminho da satisfação das suas mais caras aspirações. Mas não havia de durar muito tempo a sua ilusão.

Certa noite em que se celebrava uma grande festa de carácter familiar, celebrando a próxima partida dos jovens dançarinos para Hollywood, deu-se a tragédia que haveria de modificar toda a vida artística da jovem bailarina.

Estava-se em plena festa. Corria o mês de Outubro. Bebera-se, dançara-se, rira-se, folgara-se. Uma festa simpática de gente jovem que começava a ser bafejada pela sorte e pela fama.

A dada altura, alguém propôs uma ida a Hamilton, uma localidade próxima, onde havia um petisco de que muito gostavam e que queriam adicionar à boa comida alemã que havia em casa.

Doris e um companheiro decidiram aceitar a sugestão e ir de automóvel à cidade próxima. Estava escuro e a chuva, que tornara o dia triste e enfadonho, continuava a cair. A visibilidade era má. Porém, tudo corria normalmente. O carro acabava de chegar a uma passagem de nível. Não se via qualquer comboio, ou luzes vermelhas. Não se sentia qualquer ruído de campainhas ou motores. De súbito, um choque fragoroso. Na escuridão, o automóvel acabava de colidir com um autocarro, e Doris, cuspida a grande distância, foi cair num fofo prado das proximidades, facto que lhe poupou a vida. Mas perdera-se a bailarina.



Antes de sair para o estúdio, Doris Day, embora apressadamente, trata cuidadosamente da sua higiene pessoal.

Uma refeição à base de legumes, para conservar a linha, é engolida pela actriz, já pronta para sair.



Uma vez no estúdio, há que proceder à maquilhagem exigida para dar o tom de verdade ao personagem incarnado.



Uma dupla fractura da perna direita, acabara brutalmente a carreira da jovem bailarina.

Seguir-se-ia uma longa inércia que, para uma rapariga de imensa agilidade, activa e dinâmica como ela, quase representava a morte. Mas, dotada de uma força de vontade invejável e invulgar, a rapariga decidiu vencer aquele golpe do Destino. Começou a cantar, ao som da música que escutava através do seu receptor. E isso sugeriu-lhe uma ideia. Porque não haveria de aprender canto?

Apesar de não ter ainda grandes disponibilidades materiais, Doris resolveu contratar uma professora de canto para que o tempo, que tinha de passar obrigatòriamente na clínica, fosse aproveitado por alguma coisa que, além de lhe poder ser útil no futuro, a ajudasse a esquecer o seu infortúnio.

Grace Raine, uma professora de canto de grande renome e que conseguira fazer integrar alguns dos seus melhores alunos nas mais famosas orquestras de «jazz» da América, empenhou-se, a fundo, em transformar a infortunada bailarina numa boa cantora, contribuindo decisivamente para o triunfo que Doris alcançaria. Porém, Grace, mais do que isso, soube ser a amiga carinhosa e dedicada, a companheira de todas as horas, a confidente, a conselheira de que Doris necessitava para se sobrepor ao próprio destino.

Mercê desta companheira e da sua força de vontade, Doris pôde suportar razoàvelmente o internamento no hospital e o agravamento da sua lesão motivado por uma queda quando já em plena convalescença, o que fez com que passassem catorze meses antes que pudesse voltar a andar.

UMA CANÇÃO FAZ MODIFICAR O APELIDO DE DORIS

Quando Doris saiu do hospital foi ainda a sua dedicada mestra e amiga Grace Raine quem a acompanhou, fazendo-lhe companhia durante o tempo de reeducação a que teve de submeter-se e se submeteu com desusada força de vontade e persistência.

Logo que Doris teve alta, Grace decidiu apresentar na rádio a sua aluna dilecta, cuja voz estava já devidamente educada, e para o efeito escolheu a emissora de Cincinnati. Foi organizado um programa especial de variedades, no qual todos os artistas, na grande maioria amadores da cidade, se exibiam graciosamente.

Doris Kappelhoff foi a terceira artista a actuar na memorável emissão. Era geral o nervosismo daqueles que, de qualquer modo, a ela estavam ligados. De todos eles Doris parecia a menos enervada. E Doris começou a cantar de forma surpreendente. Quando acabou de cantar a sua terceira canção, os aplausos estrugiram ensurdecedores, como só merecem os cantores de eleição.

Logo que voltou para junto da professora, a artista notou qualquer coisa de anormal. O rosto da bondosa amiga banhara-se de lágrimas, lágrimas de satisfação por ver o





Sempre que lhe é possível, — Doris detesta cozinhar — a actriz come num restaurante. Nesta foto, ela parece mais interessada pelo que lhe diz seu marido, Marty Melcher, do que pela bebida que está diante de si.

Um momento de lazer é luxo a que poucas vezes se pode dar uma actriz tão assoberbada com trabalho como é Doris Day, que aqui vemos com seu actual esposo.



êxito da sua pupila, que era, afinal, também um pouco seu, já que tudo aquilo era obra da sua amizade e da sua competência.

Daí para diante, as alegrias de Doris sucederam-se com a velocidade com que ensaiava novos números.

As suas actuações prosseguiram. Em cada habitante de Cincinnati a garota sardenta, que fora bailarina, tinha agora um admirador. A sua voz característica e o modo pessoalíssimo como interpretava as canções, ganharam-lhe fama. Passou a cantar em vários conjuntos, até que, tempos depois, Barney Rapp, proprietário de uma casa de espectáculos, lhe ofereceu um contrato. E assim, Doris Kappelhoff passou a cantar na sua terra natal, com o salário de vinte e cinco dólares semanais. Como, porém, o nome de Kappelhoff não fosse próprio de uma artista, Barney Rapp propôs a sua substituição. E como Doris não soubesse o apelido a adoptar, o próprio Rapp lembrou que o alterasse para Day, nome sugerido pelo título de uma das mais populares canções da jovem «vedeta»: «Day after Day».

Barney Rapp, o quase desconhecido chefe de orquestra e proprietário de um clube nocturno de Cincinnati, decerto não pensou que, ao mudar de Kappelhoff para Day o apelido da sardenta Doris, acabava de baptizar, para a vida artística, uma das maiores cançonetistas norte-americanas, cuja



Os discos de Doris Day vendem-se aos milhares. Nesta gravura Doris prepara-se para mais uma gravação que, como todas as suas gravações, será escutada pouco tempo depois nas cinco partes do mundo.

voz seria gravada em milhões de discos, e mais tarde se tornaria famosa em todo o mundo, divulgada pelo cinema. A Rapp se deve não só a apresentação de Doris Day com o nome que a celebrizaria, como também a composição de números de «music-hall» que em breve toda a América trautearia ou cantaria.

Cincinnati, pode dizer-se ter sido o berço de duas grandes artistas: Doris Kappelhoff, a balarina que viu frustrada uma prometedora carreira, por um brutal desastre de viação, e Doris Day, uma cançonetista alegre e estonteante que, com a sua voz, passou a levar uma onda de são optimismo, uma mensagem de mocidade e de alegria de viver, aos lares americanos.

Cada interpertação de Doris Day era um novo êxito que aumentava a fama que a começava a aureolar. O seu valor tornou-se grande demais para a cantora permanecer encerrada no modestíssimo clube nocturno de Barney Rapp.

Começou a esperar-se que, a todo o momento, Doris Day fosse «descoberta» para mais largos voos, e Grace Raine, confiante, aguardava com ansiedade mal disfarçada a chegada desse dia.

Bob Crosby, irmão do celebérrimo e multimilionário Bing, foi o primeiro chefe de orquestra a contratar a loira e sardenta Doris para vocalista da sua orquestra, com a qual a cantora trabalhou durante várias temporadas e gravou bastantes discos, aumen-



Num clube nocturno com seu marido, Doris parece entregue a qualquer estranho jogo de mãos.



Doris Day em pleno lar, incutindo em seu filho a grande paixão da sua vida: a dança.



Sorridentes, patenteando a felicidade e a compreensão que reina entre eles, Doris Day e Marty Melcher, envergando trajos de cerimónia, dão entrada no Teatro Chinês, onde vão assistir a uma estreia.

tando a sua categoria artística e tornando cada vez mais famoso o seu nome, nascido de uma canção que era um dos seus maiores êxitos.

MÚSICA E CASAMENTOS

Em breve Doris Day era disputada por vários músicos que desejavam tê-la como vocalista das suas orquestras. Fred Waning, a esse tempo director de uma das mais categorizadas orquestras ligeiras dos Estados Unidos, foi quem logrou obter o seu concurso, oferecendo-lhe as condições mais vantajosas. Jimmy Dorsey, o categorizado músico, contratou mais tarde a insinuante cantora para a sua orquestra, onde actuou também durante algum tempo. Depois, surgiu Les Brown, que acenou a Doris com um contrato ainda mais vantajoso. Doris Day não hesitou, e fez bem, pois foi com Les Brown que apareceram os seus mais positivos êxitos como cançonetista. Com Les Brown manteve-se Doris Day durante três anos, e desse tempo data a gravação de um dos maiores sucessos de Doris Day: «Sentimental Journey» (Viagem sentimental), disco que ainda hoje é escutado com o maior interessse.

Em 1941, quando cantava com a orquestra de Jimmy Dorsey, Doris enamorou-se e casou com um dos componentes daquela orquestra, de nome Al Jorden. Dessa união nasceu, em 8 de Fevereiro de 1942, um filho, que recebeu o nome de Terry.

Mas Doris não conseguiu na sua vida sentimental o mesmo êxito que obtivera na sua vida artística e, assim, um ano depois do casamento, Doris divorciava-se, com muito pesar da parte de seus pais que gostariam de a ver obter no campo sentimental os êxitos que conseguira na vida artística.



Um beijo de Doris em Gordon Mac Rae. Não, não foi qualquer idílio amoroso, apenas uma exigência do guião de «Os cadetes divertem-se».

Daí em diante, Doris, no prosseguimento dos seus êxitos artísticos, viajou através do país, em companhia de seu filho, até que em 1946 casou pela segunda vez, agora com George Weidler, irmão da actriz de cinema Virgínia Weidler, e saxofonista da orquestra de Stan Kenton. Nesse mesmo ano, Doris Day apareceu, ao lado de Frank Sinatra, no melhor espectáculo musical do ano, a peça «Your Hit Parade».

O segundo marido de Doris conseguiu um contrato para Hollywood, a fim de actuar na C.B.S., e o casal teve que se fixar em Los Angeles, onde havia uma enorme crise de habitação. Não conseguindo arranjar um apartamento, o casal, que não estava disposto a viver por hotéis, resolveu comprar uma «roulotte», que adornaram da melhor maneira e na qual viveram durante seis meses, estacionando nas proximidades do «Boulevard» Sepulvede.

Mas esta segunda tentativa matrimonial de Doris Day também não foi além de um ano, acabando numa nova separação.

Doris revelara-se uma autêntica negação no capítulo sentimental, o que motivara dois insucessos sentimentais, que tinham previstos tanto sua mãe, como da sua grande amiga Grace Rainer, que chegou a recomendar-lhe que tivesse cuidado com as suas atitudes sentimentais, já que outras artistas em pleno apogeu da sua carreira se tinham visto precipitadas no esquecimento de um dia para o outro, perdendo os favores do público, que não perdôa certas atitudes aos seus artistas preferidos.

Num intervalo de filmagens de «Baile da Primavera», Gertrude Wheeler, a assistente de Doris Day, cuida do penteado da «vedeta».



A partir desse instante, Doris Day entregou-se à sua profissão de alma e coração, devotadamente, com a maior determinação e exclusivismo.

E, dentro em pouco, o seu valor artístico, a sua figura gentil, o seu rosto simpático e a centelha de talento que possuía, abriram para si as portas do cinema.

DESPONTA UMA NOVA «ESTRELA» CINEMATOGRÁFICA

O clamor dos sucessos de Doris Day como cantora levaram-na a ser contratada para o «Little-Club», de Nova Iorque, onde a temporada decorria triunfalmente para a ra-



Nada melhor que uma boa chávena de chá para acalmar uns nervos agitados por um filme de «suspense», «O homem que sabia demais».



Doris Day, sorridente como é seu hábito, entregue à tarefa de escolher um casaco de peles para usar num dos seus filmes.



Uma cena de «O teu amor e uma cabana», em que Doris contracena com Ruth Roman.



Doris não destruiu a sua casa... Limita-se a fingir que destrói um «decor» construído no estúdio.

pariga de Cincinnati. E, um belo dia, surgiu uma nova oportunidade para Doris. Convocada para uma conferência com o realizador Michael Curtis, que procurava uma actriz «com um aspecto muito jovem» para o seu filme «Romance no Alto Mar», Doris partiu para Hollywood.

Durante todo o tempo que durou essa entrevista, Doris Day chorou como uma Madalena, de tal maneira se sentia nervosa. Apesar de aborrecido com aquela explosão nervosa, o realizador reconheceu que naquela rapariga havia um fogo sagrado que era preciso despertar. Impressionado, Michael Curtis submeteu-a a um teste e, três dias depois, era assinado um contrato por 7 anos entre Doris Day e a Warner, que confiava à novel actriz o principal papel feminino de «Romance no alto mar».

Certa manhã, durante a rodagem daquele filme, Michael Curtis viu chegar Doris Day carregando uma enorme mala de viagem. Intrigado, o realizador inquiriu da razão de semelhantes preparativos. O mais natural e espontâneamente possível a rapariga replicou:

— É para a viagem ao Rio de Janeiro.

Curtis riu gostosamente, mas logo se sentiu na necessidade de explicar à ingénua rapariga que o Rio de Janeiro estava «construído» ali a dois passos, num dos terrenos do estúdio.

Quando se estreou «Romance no alto mar», uma multidão curiosa invadiu o cinema de Nova Iorque onde a estreia teve lugar, ansiosa por conhecer a nova actriz, com cuja voz, doce e inebriante, há muito tomara contacto, através da rádio e dos discos.

O triunfo foi absoluto e insofismável. A assistência, no final da exibição, saudou com uma estrondosa e prolongada salva de palmas o nascimento da nova «estrela» que Curtis, em boa hora, lançara no cinema.

Neste filme, Doris Day cantou como nunca, ultrapassando-se a si própria. A sua irradiante simpatia, o metal argênteo da sua voz, o dinamismo que emprestara à sua interpretação cativaram o público cinéfilo,



O casal Melcher, Doris e Marty preparam-se para assistir a uma estreia de gala.

Uma boa piada dispõe sempre bem e é agradável para quem tem de enfrentar um microfone.





Sob as vistas de Marty, Doris é felicitada pelo seu director de estúdio.

que se rendeu imediatamente à actriz-cantora, prestando-lhe homenagens sinceras e justas.

— Foi um dos melhores momentos da minha vida — confessa a actriz, referindo-se a esse momento. — Compreendi nesse instante que podia triunfar no cinema, pois considerava o meu trabalho nesse filme inferior àquilo de que me julgava capaz.

A «Romance no alto mar» sucederam-se: «Os meus sonhos pertencem-te», «Mademoiselle Fifi», «Young man with a Lorn», «Chá para dois», etc., todos eles clamorosos êxitos de bilheteira e constitutivos para a actriz de uma auréola de popularidade, fama e simpatia.

Os realizadores atentaram melhor nas qualidades histriónicas de Doris Day e resolveram confiar-lhe a protagonista de «Tragédia na cidade», película em que a actriz, a despeito de encarnar um papel um tanto fora da linha daqueles que estava habituada a viver, triunfou plenamente, confirmando as esperanças nela depositadas.

Se Doris ficou eternamente grata a Grace Raine por ter feito dela uma cantora de recursos invulgares, também não pode esquecer quanto deve a Gene Nelson que, com muita paciência, vibrante entusiasmo e habilidade de ensaiador conseguiu para a «menina sardenta» algo que parecia impossível de conseguir-se: que ela voltasse a dançar.

Quando a Warner resolveu levar à tela uma nova versão de «Não, não, Nanette», que haveria de rotular-se com o título de «Chá para dois», Doris não pensou poder ser a protagonista, uma vez que se encontrava, de há muito, afastada da dança, sua primeira paixão artística, tão brutal e estùpidamente destruída. Mas Gene Nelson, num alarde de gentileza e bela camaradagem, ofereceu-se para ensaiar com ela durante os três meses que a empresa concedera a Doris para aquela tentativa, que a todos parecia sem êxito possível.

Gene foi incansável, trabalhando com Doris quatro horas em cada dia. Pouco a pouco as suas pernas, um tanto presas em consequência do desastre sofrido anos atrás, como que começaram a soltar-se. O ritmo parecia ser o bálsamo mais eficaz para elas. E Doris venceu mais essa batalha.

Em 3 de Abril de 1951, precisamente no dia em que completava 27 anos, Doris contraía terceiro casamento, desta vez com Marty Melcher, que adoptou Terry, manifestou o desejo de que a mãe e a tia de Dorfis viessem viver com eles, e se transformou no agente de sua esposa.

No ano de 1951, Doris Day foi classificada entre os dez «astros» de cinema mais comerciais, e no ano seguinte como a melhor vocalista. Os seus discos vendem-se aos milhões e estão sempre entre os «Best sellers».

Trabalhando sempre para a Warner Bros., Doris Day interpretou dezassete filmes de características musicais, todos com clamoroso sucesso.

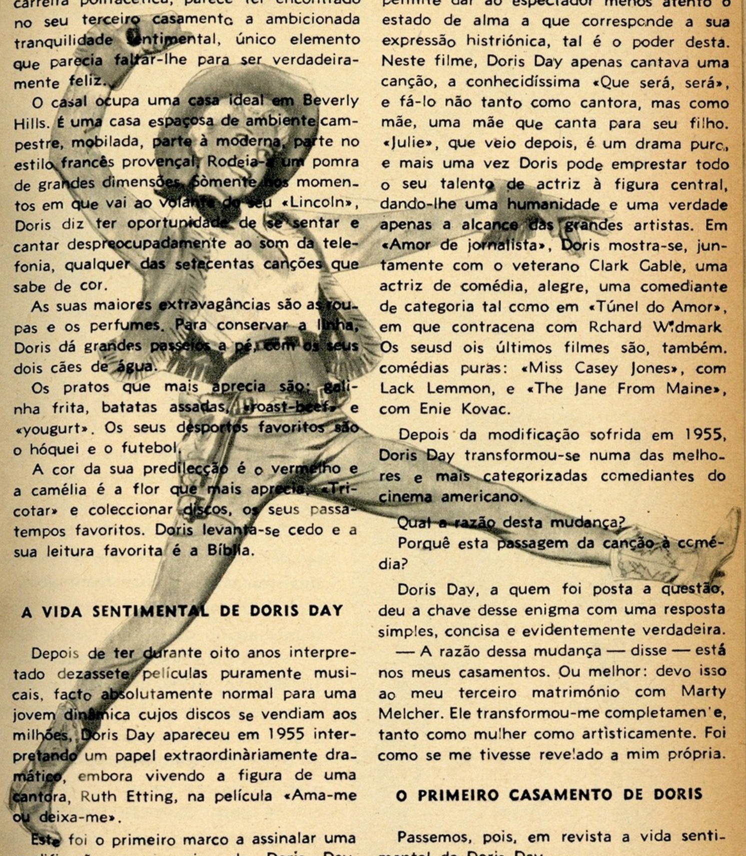
Depois de quase oito anos com a Warner Bros., Doris Day deixou o seu elenco no inverno de 1954 para fazer o seu primeiro filme para outra produtora. E foi assim que personificou Ruth Etting, a famosa cantora, na película «Ama-me ou deixa-me», para a Metro?Goldwyn-Mayer, em que contracenou com James Cagney.

Após este filme, Doris Day rodou para a Paramount, sob a direcção de Hitchcock, e alternando com James Stewart, «O homem que sabia demais».

Nestes dois filmes, e no que se seguiu, «Julie», Doris tentou, com assinalável êxito, o género dramático, demonstrando ser, além de uma boa cantora, uma actriz dramática de grandes recursos.

Mas o público não podia esquecer a sua cantora predilecta, nem prescindir da sua aparição em películas musicais, e Doris não pôde deixar de fazer a vontade aos seus admiradores, o que aconteceu com «Negócio de Pijamas», onde depois da tentativa feita em «Chá para dois», voltou a dançar.

Seguiu-se «Amor de jornalista», feito para a Paramount, com Clark Gable como seu opositor, e recentemente terminou, de novo para a Metro-Goldwyn-Mayer, «O Túnel do



Amor», que terá como novidade o facto de Richard Widmark, lançado em papéis de «duro», cantar e dançar.

Doris Day, que pode orgulhar-se da sua carreira polifacética, parece ter encontrado no seu terceiro casamento a ambicionada tranquilidade sentimental, único elemento que parecia faltar-lhe para ser verdadeiramente feliz.

O casal ocupa uma casa ideal em Beverly Hills. É uma casa espaçosa de ambiente campestre, mobilada, parte à moderna, parte no estilo francês provençal. Rodeia-a um pomra de grandes dimensões. Sòmente nos momentos em que vai ao volante do seu «Lincoln», Doris diz ter oportunidade de se sentar e cantar despreocupadamente ao som da telefonia, qualquer das setecentas canções que sabe de cor.

As suas maiores extravagâncias são as roupas e os perfumes. Para conservar a linha, Doris dá grandes passeios a pé, com os seus dois cães de água.

Os pratos que mais aprecia são: galinha frita, batatas assadas, «roast-beef» e «yougurt». Os seus desportos favoritos são o hóquei e o futebol.

A cor da sua predilecção é o vermelho e a camélia é a flor que mais aprecia. «Tricotar» e coleccionar discos, os seus passatempos favoritos. Doris levanta-se cedo e a sua leitura favorita é a Bíblia.

A VIDA SENTIMENTAL DE DORIS DAY

Depois de ter durante oito anos interpretado dezassete películas puramente musicais, facto absolutamente normal para uma jovem dinâmica cujos discos se vendiam aos milhões, Doris Day apareceu em 1955 interpretando um papel extraordinàriamente dramático, embora vivendo a figura de uma cantora, Ruth Etting, na película «Ama-me ou deixa-me».

Este foi o primeiro marco a assinalar uma modificação na carreira de Doris Day. Seguiu-se «O homem que sabia demais», uma película dramática e de «suspense» em que, uma vez mais, Doris Day pôde mostrar os seus recursos como actriz dramática, o seu excepcional jogo fisionómico que lhe permite dar ao espectador menos atento o estado de alma a que corresponde a sua expressão histriónica, tal é o poder desta. Neste filme, Doris Day apenas cantava uma canção, a conhecidíssima «Que será, será», e fá-lo não tanto como cantora, mas como mãe, uma mãe que canta para seu filho. «Julie», que veio depois, é um drama puro, e mais uma vez Doris pode emprestar todo o seu talento de actriz à figura central, dando-lhe uma humanidade e uma verdade apenas a alcance das grandes artistas. Em «Amor de jornalista», Doris mostra-se, juntamente com o veterano Clark Gable, uma actriz de comédia, alegre, uma comediante de categoria tal como em «Túnel do Amor», em que contracena com Rchard W'dmark Os seusd ois últimos filmes são, também. comédias puras: «Miss Casey Jones», com Lack Lemmon, e «The Jane From Maine», com Enie Kovac.

Depois da modificação sofrida em 1955, Doris Day transformou-se numa das melhores e mais categorizadas comediantes do cinema americano.

Qual a razão desta mudança?

Porquê esta passagem da canção à comédia?

Doris Day, a quem foi posta a questão, deu a chave desse enigma com uma resposta simples, concisa e evidentemente verdadeira.

— A razão dessa mudança — disse — está nos meus casamentos. Ou melhor: devo isso ao meu terceiro matrimónio com Marty Melcher. Ele transformou-me completamente, tanto como mulher como artìsticamente. Foi como se me tivesse revelado a mim própria.

O PRIMEIRO CASAMENTO DE DORIS

Passemos, pois, em revista a vida sentimental de Doris Day.

Quando o seu apelido era ainda o de

O jogo histriónico de DORIS DAY


Ilusão


Tédio


Espanto




«Coquetismo»


Zanga




Felicidade


Alegria


Atenção


Decisão



Todos sabemos que não basta uma presença gentil e uma voz agradável para que estejamos em presença de um bom actor ou de uma actriz de categoria.

Para que isso suceda, para que possamos considerar de eleição um artista, é necessário que ele nos consiga transmitir a sua mensagem, isto é, que ele nos faça sentir alegria ou tristeza, emoção ou indiferença, alarme ou calmaria, consoante aquilo que o seu personagem deve viver.

Ora para que tal suceda, não basta que o artista diga, com maior ou menor sentimento, as frases que lhe assinala o guião, mas sim que as visíveis transformações do seu rosto nos possam dar, na exacta medida, os transes, melhor diremos as «nuances» por que passa a sua alma. É mais difícil, muito mais difícil do que possa supor-se, fazer corresponder a um determinado estado de alma, um determinado rosto. Na justeza, na perfeição com que o rosto de um artista se transmuta está a real aferição do seu valor.

É pois, condição indispensável para considerarmos que este ou aquele actor tem categoria artística, um apropriado jogo fisionómico que, independentemente das palavras que possam ser proferidas, consiga transmitir ao espectador atento aquilo que o personagem sente perante certos factos ou situações.

Nestas páginas se faz uma cabal demonstração da categoria artística de Doris Day, apresentando-se um extraordinário jogo fisionómico desta actriz, cantora e bailarina que todos conhecem e apreciam.

Kappelhoff, ou melhor, quando era ainda o seu apelido verdadeiro, aquele que figurava no seu nome de cartaz, Doris tendo dezasseis anos, na realidade, mas confessando ter dezoito, foi contratada, como já dissemos, por Barney Rapp para o seu «Little Club», onde mais tarde, como também já dissemos, o proprietário a apelidou de Doris Day por motivo da sua predilecção pela canção «Day after day». Na orquestra que o próprio Barney Rapp dirigia, havia um tocador de trombone que era um bom rapaz. Chamava-se Al Jorden e agradava muito a Doris. Era alto, moreno e elegante. Como habitasse no outro extremo da cidade — Cincinnati, a terra natal de Doris, como também já dissemos — ela pedia-lhe para a conduzir no seu carro e fazia-o, não tanto para lhe facilitar o trajecto, mas especialmente para estar sòzinha com ele. Não tardaram, porém, a ver-se por outro motivo que não era o de atravessarem a cidade de automóvel: estavam enamorados. Mas Al Jorden foi contratado para a orquestra de Gene Kruppa, o maior baterista americano e quiçá mundial, e deixou Cincinnati. Porém, parecia não ter esquecido Doris, uma vez que lhe escrevia, contìnuamente, cartas apaixonadas que terminavam invariàvelmente pela alegação de um desejo veemente: o de casar com Doris.

Ela esteve prestes a deixar tudo para o seguir, quando ocupou o belo lugar de vocalista que acabava de obter na orquestra de Les Brown. Doris apenas tinha dezassete anos e o amor no seu coração ardia com todo o ardor duma primeira paixão. Apesar da oposição de sua mãe, Doris casou. Ela julgava-se a mais feliz das mulheres. Mas não tardou a mudar de parecer. Ela tinha desposado, não um homem, mas um sonho. Ela não dava conta do significado do casamento e da vida em comum com um homem que mal conhecia. Ràpidamente a discórdia tomou lugar entre eles. Al Jorden continuava a ser moreno, alto e elegante. Ele teria sido sempre um companheiro perfeito, mas era ciumento e tornava-se num marido muito difícil de aturar. Ela tinha casado demasiado cedo. A cerimónia nupcial não fora suficiente para fazer dela uma esposa, tal como se a tivesse tocado uma varinha mágica. No casamento, Doris continuou a ser uma adolescente.

Quando notou que ia ser mãe, Doris acreditou que tudo se comporia. Mas tal não aconteceu. A 2 de Fevereiro nasceu um rapaz, em Nova Iorque, ao qual foi dado o nome de Terry.

Al estava constantemente em «tournée», e Doris compreendeu que o seu casamento não podia subsistir. Sentia saudades de Cincinnati, a sua cidade natal. E apesar da existência do filho, Doris continuava a ser psicològicamente uma adolescente.

Tal como o casamento não fizera dela uma esposa, a maternidade não fez dela uma mãe. Doris voltou a Cincinnati com Terry, e retomou a sua vida de rapariga.



Doris Day nunca se cansa de embelezar o seu lar, tornando-o, a cada passo, mais atraente e acolhedor, como deve ser um lar de uma verdadeira família.



Doris Day cumprimenta a jornalista Joan Mac Trevor antes de lhe conceder uma entrevista.



Em «Balada ao Luar, Doris, sob as vistas de Gordon Mac Ray, entrega-se a uma missão que detesta na vida real: cozinhar.

Al e Doris divorciaram-se em 1943, embora apenas durante um ano tivessem vivido em comum.

O SEGUNDO CASAMENTO

Doris recomeçou a cantar com a orquestra de Les Brown, tal como se o seu casamento não tivesse sido mais do que um parêntesis na sua vida. Seu filho Terry permaneceu em Cincinnati entregue aos cuidados da avó, já que as «tournées» de Doris Day eram constantes. E, bem depressa, pela segunda vez, a jovem cantora sentiu necessidade de pôr cobro à sua solidão. Na orquestra havia, desta vez, um saxofonista que era bom rapaz. Era um rapaz encantador, simpático, alegre e bom camarada. Doris não deu conta, tal como da primeira vez, que estava verdadeiramente apaixonada, senão quando ele deixou a orquestra. Doris julgou que não viveria mais se o não tornasse a ver. Sua mãe pô-la em guarda, e mais uma vez ela não a escutou e correu à Califórnia no encalço de George. Casaram. Uma vez mais ela não teve lar. Tal como Al, George viajava constantemente com os seus companheiros de orquestra, para cumprir os seus contratos. Perto de Hollywood, habitaram, durante seis meses, uma «roulotte».

Entretanto, a carreira de Doris definia-se. Actuava na rádio, gravava discos. Apareceu-lhe uma oportunidade de actuar em Nova Iorque. Ela quis recusar, temendo que o seu segundo casamento se desfizesse, tal como o primeiro, mas George insistiu para que não perdesse aquela oportunidade. E ela partiu. Chegada a Nova Iorque, Doris verificou que George nada significava para si.

Apesar dos seus dois casamentos, Doris conservava a sua alma instável de adolescente, e o seu filho Terry não era mais do que um ser distante.

O SEU TERCEIRO CASAMENTO

Contudo, George Weiller e Doris Day não se divorciaram senão em 1949. Um ano antes ela estreara-se no cinema.

Em Nova Iorque conhecera Marty Melcher, que dirigia a agência artística a que ela estava ligada, pelo que era ele, pràticamente, quem dirigia a sua carreira. Nele sentia Doris uma autoridade firme, aquele carácter estável e forte que uma mulher tem necessidade de encontrar num homem se quer unir a sua vida à dele.

Casaram em 1951, portanto dois anos depois do segundo divórcio da actriz.

Desta vez não foi um casamento feito no ar. Eles tinham tido tempo para se conhecerem convenientemente. Já não eram estranhos um para o outro. A vida em comum não poderia trazer-lhes más surpresas. Doris tinha saído, enfim, da adolescência.

— O mais estranho — diz ela — é que nós nunca tivemos a impressão de estar apaixonados um pelo outro. Os nossos contactos eram puramente comerciais. Quando obtive

Filmografia de DORIS DAY

ANOS	TÍTULOS PORTUGUESES	TÍTULOS ORIGINAIS	ARTISTAS
1948	Romance no alto mar	Romance on the higs seas	Jack Carson
	Os meus olhos pertencem-te	My dream is yoens	Jack Carson
1949	Mademoiselle Fifi	It's a great felling	Jack Carson
		Young man with a horn	Kirk Douglas
1950	Chá para dois	Tea for two	Gordon Mac Rae
	Tragédia na cidade	Storm Warning	Ronald Reagan
	Os cadetes divertem-se	The West Point Story	James Cagney
	Ritmos da Broadway	Lullaby of Broadway	Gene Nelson
1951		I'll see you in my dreams	Frank Lovejoy
	Baile da Primavera	On Moonlight Bay	Gordon Mac Rae
	O teu amor e uma cabana	Starlift	Todo o elenco da W. B.
1952		The Winning Team	Ronald Reagan
	Paris em Abril	April in Paris	Ray Bolgers
1953	Balada ao Luar	By the light of the Silvery Moon	Gordon Mac Rae
	Diabruras de Jane	Calamity Jane	Howard Keel
	Uma garota endiabrada	Lucky me	Robert Cummings
1954	Apaixonadas	Young at heart	Frank Sinatra
1955	Ama-me ou deixa-me	Love me, or leave me	James Cagney
1956	O homem que sabia de mais	The man who knew too much	James Stewart
		Julie	Louis Jourdan
1957	Negócio de pijamas	The pijama game	John Raitt
	Amor de jornalista	Teacher's Pet	Clark Gable
1958	O túnel do amor	Tunel of love	Richard Widmark
		The Jane from Maine	Jack Lemmon
		Miss Casey Jones	Ernie Kovacs

o divórcio, ele disse que eu devia sentir-me bem sòzinha na vida, porque o amor era uma coisa importante. Só então eu dei conta que não estava sòzinha por causa dele. Tinha-me enamorado dele pouco a pouco, sem ter dado por isso. Nós podíamos casar. A nossa união devia ser feliz porque era uma verdadeira união, que desta vez não se fazia no ar.

Foi esta repentina maturidade que transformou Doris. Ela tornou-se uma verdadeira esposa e, ao mesmo tempo, uma mãe para seu filho, que trouxe para junto de si.

Esta transformação também se fez sentir na sua carreira artística depois de algum tempo. A cantora transformar-se-ia numa comediante.

Para concluir o seu pensamento, Doris disse com simplicidade:

— Tornei-me, enfim, uma grande personagem.



O director David Butler escuta de Doris Day o modo como se propõe interpretar a próxima cena de «Diabruras de Jane».

Uma das mais sugestivas cenas da película «Diabruras de Jane», onde Doris Day teve ensejo de alardear a sua categoria de actriz e cantora.



O Retrato Psicológico de DORIS DAY



Nesta foto estão bem patentes as sardas de Terry, que Doris adora, na medida em que aborrece as suas próprias sardas.

É fácil estabelecer-se um retrato psicológico da simpática «estrela» americana, dado que a sua franqueza e a sua comunicabilidade, nos desvendam a sua verdadeira personalidade, habilitando-nos assim a apontar o que lhe agrada ou desagrada, o que a emociona ou lhe é indiferente, as suas preferências, as suas recordações mais perduráveis, que sei eu, todo um mundo de pequenas coisas de que é feito o seu dia-a-dia, de que é feita a sua própria vida.

Eis, pois, o que a alma de Doris Day nos desvendaria se fosse possível fotografá-la.

AMA:

A neve.

As sardas de seu filho Terry (mas detesta as suas próprias sardas);

Ir cedo para a cama, ler e ver a televisão ao mesmo tempo.

Andar descalça.

Os tijolos vermelhos.

Os batidos de chocolate (Doris, que vai instalar na sua casa um aparelho para os poder fazer a seu gosto, anda a treinar-se na sua confecção, em certo «drug-store», que costuma frequentar).

O jogo do ténis.

Ouvir o bater da chuva sobre o telhado.

A cor da palha e a própria palha (reminiscência, talvez, de ter nascido no campo).

O couro e as madeiras antigas.

A Jamaica (onde nunca foi, mas que julga saber como é).

A música melancólica — sobretudo a música temática, Beethoven e Brahms.

As chaminés.

As fogueiras numa praia, à noite.

Os chapéus de chuva (que nunca usa, mas que compra sempre que lhe agradam).

Os banhos no mar ou na piscina (houve uma época em que diàriamente tomava pelo



Doris parece bastante divertida ao contemplar a expressão séria e de sacrifício que Terry apresenta ao submeter-se ao «martírio» de cortar o cabelo.

menos 3 banhos. Isso teve como resultado gretar-lhe a pele).

DISTRAI-SE:

Lendo novos argumentos.

Tratando da casa, mas não cozinhando.

Comendo, sentada sobre as pernas cruzadas.

Indo no Outono à Nova Inglaterra e caminhando sobre tapetes de folhas amarelecidas.

Vendo um bom desafio de «base-ball».

Ouvindo Sinatra cantar, «não importa o quê».

ADMITE:

Enervar-se sempre que tem de aparecer pùblicamente.

Tremer, quando vai cantar pela rádio.

Não ter coragem para aparecer na televisão.

Perder-se em pormenores.

Chegar tarde aos encontros marcados.

Dar explicações que só podem interessar a si própria.

PREFERE:

Não usar maquilhagem.

Não trazer relógio para ignorar as horas.

Não falar de «negócios».

CHORA:

Muito fàcilmente.

Mais depressa diante do belo que do horrível.

Quando vê um animal maltratado.

ABORRECE-SE:

Com a sujidade.

Se a fazem esperar numa loja para embrulhar o que adquiriu.

Ao conduzir, quando topa com um louco, um imprudente, ou um condutor muito lento.



Outra imagem que nos demonstra quanto carinho Doris Day põe no arranjo do lar. A seu lado, o marido dá uma ajudinha...

Quando irradiam «música no espaço», e isso acontece por toda a parte: nas lojas, no mercado, nos consultórios médicos e até nos correios.

ESQUECE:

Os nomes das pessoas.

As coisas desagradáveis.

O que lhe interessa esquecer. Por exemplo: Doris, que foi casada três vezes, esqueceu por completo os dois casamentos anteriores.

Uma das coisas que mais embaraça Doris é o ser apresentada a certos artistas que se habituou a admirar. Isso sucedeu com Clark Gable, mas em breve se tornaram grandes amigos e o embaraço deu lugar à alegria.



TEME:

Fazer novos conhecimentos.

Assistir a recepções — por vezes seu marido tem necessidade de a empurrar para dentro da sala, para que ela entre.

Conhecer pessoalmente as «estrelas» que viu no pequeno cinema do seu bairro — êsse pavor do primeiro contacto sentiu-o quando foi apresentada a Clark Gable, James Stewart e James Cagney.



Doris gosta de comer sempre que lhe apetece e aquilo que mais lhe agrada. Eis uma cena do filme «I'll see you in my Dreams», que pode ilustrar este gosto de Doris Day.

COME:

Quando lhe apetece.

Milho assado.

Alimentos sãos a digestivos.

Frango assado e presunto — que tem sempre no frigorífico.

Petiscos italianos e espanhóis.

Arroz doce, com canela.

Sentada em frente do televisor.

EVITA:

Os ascensores, sobretudo nas grandes lojas.

Guiar o seu carro nas vias de sentido duplo.

As criadas que servem o jantar às 10 da noite.

O telefone.

As espinhas dos peixes.

As vendedoras que a querem convencer a comprar.

As grandes recepções.

Os ovos quentes.

As estolas de pele.

As entrevistas, quer sejam de negócios, quer de prazer.

Os caçadores — não pode suportar que matem os animais.

DORME:

Nove ou dez horas por noite — isto significa que, quando trabalha, se deita às 9 horas.

LAMENTA:

Ter passado muitas horas, quando jovem, tentando suprimir as sardas. Mais tarde descobriu que elas agradavam aos homens.

Não ter tomardo lições de ténis, quando mais jovem.

De ter deixado pôr dentes de ouro.

De não ter aprendido a esquiar.

De não ter teimado nos seus estudos de piano.

RECORDA:

Uma quinta que seu tio possuía em Trenton, Ohio.

Doris canta quando lhe apetece ou quando algum amigo se senta ao piano e começa a tocar.





Simples e impulsiva, Doris Day exterioriza os seus sentimentos com perfeito à-vontade. Ei-la beijando Alfred Hitchcock, um dos seus maiores amigos.

Um casal que lá trabalhava e habitava uma barraca.

O teatro Schubert, em Cincinnati.

Os seus primeiros saltos altos.

A sua avó materna.

Um montão de números de telefone que, no entanto, não sabe a quem correspondem.

CANTA:

Quando lhe apetece.

Para um pequeno grupo de amigos, quando algum vai para o piano.

VESTE:

Vestidos simples, mas com acessórios complicados.

Chapéus de palha.

Saias muito largas ou muito estreitas.

«Shorts» compridos.

Peúgas que cheguem aos joelhos.

Velhos fatos, pois prefere os trajos macios e confortáveis.

EMOCIONA-SE:

Dum modo geral.

A propósito de tudo o que a rodeia e principalmente pelas bugigangas oferecidas por seu marido.

Com tudo que diga respeito à infância de Terry: as fotos, os certificados escolares, os desenhos feitos por ele, etc.

A propósito de um filme, quando estão no final da sua rodagem.

Para se completar aquilo a que chamámos o retrato psicológico de Doris Day, deveremos acrescentar que ela se considera modesta até certo ponto, que não se deixa prender pela celebridade, embora não se possa considerar verdadeiramente humilde. No entanto, espera algum dia adquirir a verdadeira humildade, que considera a mais elevada qualidade que alguém pode possuir.

Por outro lado, Doris considera-se pouco corajosa, não se envergonhando de confessar que sente medo ao ficar sòzinha numa casa, e tem verdadeiro pavor dos ratos.

Quanto a pequenas manias, também as tem, sobretudo em matéria de arrumações. Não se passa uma só semana que não passe revista aos vestuários, verifique o seu estado e os guarde de um modo diferente no mesmo armário, ou troque os conteúdos dos armários. Toma nota de tudo o que vê, assenta números de telefones, moradas, etc., em pequenos papéis que, cinco ou seis anos depois, irá encontrar entre as páginas de um livro, ou dentro de qualquer carteira.



Doris Day, acompanhada por Tony Curtis e Janet Leight, no momento em que o simpático casal que, esperava então a visita da cegonha — reparem no vestido de Janet — foi mostrar à sua colega a casa que acabavam de adquirir.

★

Em «Apaixonadas», ao lado de Frank Sinatra, Doris Day brilhou a grande altura. Esta película foi um autêntico festival da canção americana, dado por dois dos seus expoentes máximos.



o meu primeiro baile depõe DORIS DAY



Dançar foi sempre uma das paixões de Doris, que nesta cena da película «Amor de Jornalista», patenteia bem a sua alegria de viver.

COMO já foi dito, Doris Day aprendeu a dançar cedo, e costumava exibir-se em festinhas de colégio e festas de caridade, sempre acompanhada por sua mãe. Seu par, um menino da sua idade, era sempre o mesmo, onde quer que fosse a exibição, e, quando a menina chegou à adolescência, era considerada a melhor dançarino do colégio, em Cincinnati. Certa vez, depois de uma aula de dança, conheceu o irmão de seu par, um rapaz mais velho, pois já devia ter a avançada idade de 20 anos.

— Fiquei logo encantada com ele — conta Doris — e quando me convidou para ir ao Wigham, o barzinho mais elegante da cidade, vivi a maior emoção de toda a minha vida. No dia combinado pus os meus sapatos de salto alto, que só usava para os meus números de dança, além de duas ou três camadas de «bâton» rosa-pálido, que tinha permissão de usar também apenas para as minhas exibições. Penteei-me da melhor maneira que pude e lá fui eu, pensando que estava parecendo muito mais velha, muito sofisticada. «Que é que você quer tomar?» — perguntou-me o rapaz, ao chegarmos ao Wigham. Fiquei sem saber o que pedir, pois não conhecia bebida alguma. Ouvi uma pessoa da mesa ao lado pedir um determinado cacharolete. «O mesmo para mim», disse eu. No entanto, a empregada, que era uma senhora experimentada, olhou bem para mim e perguntou quantos anos eu tinha. Limitei-me a ficar vermelha e nada disse, pois não queria confessar a minha pouca idade, com risco de não ser permitida a minha presença no bar. «Bem, de qualquer maneira, você é muito criança para frequentar um lugar destes, e não é permitida a entrada de pessoas menores neste bar», disse ela, fazendo com que o rapaz ficasse muito espantado e imediatamente se levantasse para me levar de volta a casa.



DORIS DAY

ACTRIZ, CANTORA, BAILARINA, ENSAIA os PRIMEIROS PASSOS no JORNALISMO

Se o tempo parasse

Um artigo de DORIS DAY

HÁ certas manhãs que me dão ímpetos de quebrar todos os despertadores, todos os relógios, todos os instrumentos que servem para marcar o tempo, na esperança de conseguir, pelo menos, 24 horas extra, na esperança de fazer parar as horas, os minutos, os segundos, e ter um dia só para mim, para fazer o que bem quisesse, sem pensar no que aconteceu ontem, ou no que acontecerá amanhã.

Se eu conseguisse fazer parar o tempo, não seria para fazer coisas que nunca fiz, nem conhecer lugares por onde nunca andei. Gostaria que o meu dia extra fosse inteiramente dedicado às pessoas, aos lugares e às coisas que já me fizeram feliz e que continuam presentes na minha memória. Não voltaria, por exemplo, a Espanha, onde assisti à minha primeira tourada, embora gostasse de rever a Riviera e nadar, pelo menos durante uma meia hora bem puxada, nas águas azuis e transparentes do Mediterâneo.

Não empregaria o meu dia extra para travar conhecimento com pessoas importantes, embora fosse agradável voltar a falar com Adlail Stevenson.

À medida que esse dia fosse decorrendo, procuraria reviver todos os momentos de satisfação e de felicidade, tentaria readquirir tudo o que de melhor a vida já me houvesse proporcionado.

Principiaria por, ao almoço, comer flocos de aveia, ovos com presunto e tomar uma infinidade de chávenas de saboroso e fumegante chocolate.

Depois, deitar-me-ia ao sol, ficando entregue aos meus mais agradáveis pensamentos ou à leitura de um dos meus livros predilectos. Meu marido e meu filho deveriam estar perto de mim, no jardim da nossa residência de Beverly Hills. Escutaria o baque de Terry ao mergulhar ágil e correctamente na água da piscina, e sentiria o rosto molhado pelos pingos da água fresca que saltariam dali, enquanto ao longe perceberia o ruído produzido pelas «carpinteirices» de Marty e, mais tarde, sentiria o contacto da sua mão no meu ombro, numa carícia que sempre me prodigaliza quando passa junto de mim.

Como sempre, a minha felicidade teria a sua origem em pequenas coisas: um sorriso de Marty, a visão de Terry enxugando os cabelos avermelhados, ou a sugar uma laranja apanhada na ocasião.

Gostaria de recordar, nesse dia, todos os momentos de ternura, de alegria, de triunfo, de emoção. Recordaria a primeira vez que, após o desastre de automóvel, que sofri, consegui pôr-me em pé; um jantar à luz das velas, com o meu querido Marty; um teste bem sucedido na Warner Brothers; o dia em que nos mudámos para a casa de Beverly, adqui-







EM CIMA: Da esquerda para a direita cenas dos filmes «Diabruras de Jane» e «Uma garota endiabrada». EM BAIXO: «O homem que sabia demais» e «Amor de jornalista».









DE CIMA PARA BAIXO: Uma cena de «Julie», um intervalo de filmagens de «Diabruras de Jane» e Doris com a sua assistente num momento deixado livre pelas filmagens de «O homem que sabia demais».



Doris terminou recentemente as filmagens de «Túnel do amor», em que Richard Widmark é o seu «partenaire».

Doris Day, Gene Kelly e Elisabeth Fraser ensaiam uns passos de dança frente aos armários-vestiários no «set» em que se filma «Túnel do Amor».



rida quando tudo estava despido de folhagem e, naquele momento, coberto de verdura. Só então soube quantas árvores de fruto existiam no nosso pomar.

Não dispensaria uma boa partida de ténis, ao fim da qual o meu instrutor diria: «Muito bem, Doris, você jogou muito bem!». (Claro que só num dia imaginário eu poderia ouvir tal coisa).

Depois do almoço, que seria no clube, sob um guarda-sol colorido, à beira da piscina, gostaria de rever certos lugares onde já estive, atravessando oceanos e continentes, percorrendo novamente os museus e as exposições de pintura, fosse em Nova Iorque, Paris ou Madrid.

No Museu do Louvre tornaria a ver as famosas telas de Van Gogh, Da Vinet e Rembrandt, para depois percorrer os quiosques de quadros, ao longo do Sena, e comprar qualquer deles como se estivesse comprando a própria Mona Lisa.

Iria ao sul da França para rever a praia de Éden-Roc (na Riviera), um dos lugares mais belos do mundo, a meu ver. É um verdadeiro Eden, como o seu nome indica, e a água do mar é de um azul tão límpido, tão transparente, como deverá ser o mar do Paraíso.

Marty estaria comigo, pois sem ele minha felicidade jamais seria total. Nadaríamos no Mediterrâneo e depois voltaríamos ao hotel para comer «spagheti» ao ar livre, no terraço.

Deixaria Marty e partiria apressadamente para ainda apanhar o pôr-do-sol no Canal da Mancha, a caminho de Londres. Para isso gostaria da companhia de minha mãe, que nunca teve oportunidade de viajar e tem muita vontade de conhecer a Inglaterra. Faríamos compras juntas — casimiras, cobertores, cortes de «tweed», objectos de prata, e eu mandaria fazer um fato para Marty.

Depois, carregadas de compras, tomaríamos chá no «Claridge Hotel», e no mesmo instante estaria nas ruas de Nova Iorque.

Certa vez estive em Nova Iorque, em Abril, num dia de neve e gostaria que tornasse a nevar, no meu dia extra. Nós os três — Terry, Marty e eu — passearíamos no parque até não



Doris Day com a «sua família» na película «Miss Casey Jones». Ao lado de Jack Lemmon, Teddy Rooney, filho de Mickey Rooney.



Doris Day junto a Ernie Kovacs, seu parceiro em «The Jane from Maine».

aguentarmos mais o frio. Só então nos iríamos aquecer com o saborosíssimo chocolate do «Rosemarie's», na Quinta Avenida.

Para o jantar desejaria a companhia de Adlail Stevenson; ele é um homem muito inteligente, de muito espírito e dde muita consideração para com o próximo, e até hoje só tive oportunidade de conversar com ele por alguns instantes, numa sala cheia de gente.

Ficaria satisfeitíssima se ele me convidasse para conhecer a sua fazenda em Libertyville, onde o ouviria, com prazer, falar sobre a vida, as suas crenças e os seus ideais.

Mais tarde, para me divertir, veria novamente «My Fair Lady», e depois ainda apanharia o último «show» de Frank Sinatra. Este cantaria especialmente para Marty e para mim.

★

Depois de tudo isto, o meu dia perfeito terminaria quando terminam todos os meus dias: com um demorado banho de imersão, com sais perfumados, enquanto Marty aqueceria a cama, ligando o aquecedor dos pés e a almofada eléctrica que costumo colocar sob as costas, para aquecê-las, por causa do defeito que tenho, decorrente do desastre de automóvel que sofri.

Antes de ir para a cama faria uma visita à geladeira, como faço todas as noites, e se encontrasse sorvete e sandes de presunto ficaria satisfeita. Talvez levasse também um copo de leite e alguns bombons de chocolate para comer no quarto, enquanto assistisse a um bom programa de televisão.

Terminado o programa, e terminada a minha ceia, apagaria as luzes e, antes de fechar os olhos para dormir, contemplaria uma vez mais aquela árvore cujos galhos roçam a minha janela e que já deve ter uns cem anos de existência. Pensaria na perfeição de cada folha, de cada rebento, e quando finalmente conseguisse adormecer, dormiria pensando na minha felicidade e na vida agradável que Deus me deu, agradecendo-lhe todas as Suas bênçãos.

no próximo número

ELVIS PRESLEY



o rei do "rock n'rol"

e dos corações femininos

MANDE RESERVAR JA O SEU EXEMPLAR!

N. 41

PREÇO 2$00

